SEPEX – Seminário de ensino, pesquisa e extensão da Uneal
18 a 20 de agosto de 2026

PALMEIRA, DE QUEM? O indígena na formação do município versus a marginalização do povo Xukuru-Kariri

Jonas Ferreira dos SANTOS[1], Vitor de Melo SANTOS[2], José Adelson Lopes PEIXOTO[3]
[1]Aluno do Curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Alagoas;
[2]Aluno do Curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Alagoas;
[3]Professor orientador do Curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Alagoas, e-mail: adelsonlopes@uneal.edu.br

E-mail do autor correspondente: jonas.ferreira.2024@alunos.uneal.edu.br

RESUMO - Este trabalho apresenta a formação territorial de Palmeira dos Índios e o seu processo de emancipação do município de Anadia, situado no Agreste alagoano. O objetivo é discutir as disputas entre indígenas e não-indígenas pela posse do território, assim como, a tentativa de invisibilizar e silenciar a cultura indígena no município de Palmeira dos Índios. O estudo baseia-se na literatura de estudiosos como Antunes (1665, 1973), Barros (1969), Rocha (1978), Martins (1994), Peixoto (2015), Torres (1973, 1974), entre outros e em documentos cartoriais e paroquiais, laudos e relatórios antropológicos. Usou-se também de pesquisa de campo a partir de entrevistas e visitas a duas aldeias indígenas do povo Xukuru-Kariri. A discussão propõe uma reflexão sobre o indígena ocupar um lugar ambíguo na construção histórica e identitária de Palmeira dos Índios ao mesmo tempo em que é apropriado como elemento fundador da memória e da identidade local foi historicamente invisibilizado, marginalizado e continua enfrentando disputas pelo reconhecimento dos seus direitos territoriais, destacando como as disputas pelo poder tentaram colocar o indígena na invisibilidade, no silenciamento e no esquecimento, estratégias importantes para a negação de direitos e protagonismos do povo originário. A pesquisa justifica-se pela constatação de que, embora a cidade carregue o nome "dos Índios" e exiba sua imagem em símbolos oficiais, os indígenas são cotidianamente tratados com preconceito e marginalizados pela população local. O arcabouço teórico fundamenta-se nos conceitos de etnicidade (Barth, 1979;

Weber, 1994), memória coletiva (Halbwachs, 2006; Pollak, 1989), patrimônio cultural (Arantes, 1984; Gonçalves, 1996), Antropologia Visual (Banks, 2009; Kossoy, 2001) e indianidade (Oliveira, 1998; Silva, 2005). O corpus visual destaca-se pelo uso de pranchas com registros fotográficos de 1970, submetidas ao método de elicitação fotográfica para revisitar memórias de resistência, a estátua em alusão a Tixiliá que alude à lenda fundadora, bem como o mapa das escavações de Luiz Barros Torres, que detalha as áreas onde foi realizada buscas arqueológicas. O trabalho organiza-se em três seções que apresentam e discutem o problema proposto, e, por fim, o debate sobre a invisibilidade e as disputas territoriais.

Palavras-chave: Cultura. Indígenas. Invisibilidade. Silenciamento. Xukuru-Kariri.